

# O imaginário da polarização política no *pré* e *pós-impeachment* de Dilma Rousseff: vestígios de cotidianidades inscritos em um curta-metragem brasileiro

The imaginary of political polarization in the pre-and post-impeachment of Dilma Rousseff: trials of quotidianity enrolled in a brazilian short film

Tarcis Prado Junior<sup>1</sup>  
tarcisjr@yahoo.com.br

Moises Cardoso<sup>2</sup>  
beiocardoso@gmail.com

Franco Iacomini Júnior<sup>2</sup>  
fiacomini@gmail.com

Aline Aparecida Vaz<sup>2</sup>  
alinevaz88@hotmail.com

## RESUMO

O presente estudo propõe-se a compreender o contexto sócio-político do Brasil nos últimos anos, por meio do imaginário edificado durante os períodos *pré* e *pós-impeachment* no Brasil. Nesse sentido, este artigo tem o objetivo de provocar reflexões acerca de vestígios de cotidianidades apresentados como metáfora e metonímia no curta-metragem brasileiro *Menino do Cinco* (Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira; 2012), película que apresenta a relação entre dois mundos desiguais e fronteiriços, que na travessia de um cão de

## ABSTRACT

The present study intends to understand the socio-political context of Brazil in recent years, through the imagery built during the pre- and post-impeachment periods in Brazil. In this sense, this article aims to provoke reflections about the vestiges of quotidianity presented as metaphor and metonymy in the Brazilian short film *Boy from the Five* (Marcelo Matos de Oliveira and Wallace Nogueira, 2012), a film that presents the relation between two unequal worlds and border, that in the crossing of a pet dog has fractured

<sup>1</sup> Universidade Federal do Paraná (UFPR). Rua XV de Novembro, 1299, Centro – Curitiba (PR).

<sup>2</sup> Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Rua Sydnei Antonio Rangel Santos, 238, Santo Inacio – Curitiba (PR).

estimação tem os lugares sociais fraturados. A metodologia de análise deste trabalho é a sociologia compreensiva (Maffesoli, 2010) utilizando-se também do imaginário (Maffesoli, Silva) como suporte teórico. Os resultados mostram um paralelismo entre o filme, com seus elementos indiciais (grades, janelas, barreiras e quadrados) e a cena político-social brasileira burilada por uma mimetização – dentro e fora da tela – do imaginário da atmosfera política no país.

**Palavras-chave:** Cinema e vestígios de cotidianidades. Menino do Cinco. Imaginário e política.

social places. The methodology of analysis of this work is the comprehensive sociology (Maffesoli, 2010) using also the imaginary (Maffesoli, Silva) as theoretical support. The results show a parallelism between the film, with its indicial elements (grids, windows, barriers and squares) and the Brazilian politico-social scene carved by a mimicry - on and off the screen - of the imaginary of the political atmosphere in the country.

**Keywords:** Cinema and vestiges of everyday life. Boy from the Five. Imaginary and political.

## Introdução

Os períodos de democracia no Brasil foram exceções. A regra estabelecida emerge do autoritarismo com gerais e civis imperiosos como mandatários da nação se alternando no poder. De 1989 a 2016 vivenciamos o maior tempo de eleições livres, em que pesem o poder econômico da mídia por trás de candidatos aqui ou ali. No ano de 2016, com a deposição da presidenta Dilma Rousseff, temos marcada a ruptura de uma ascensão social, mesmo que criticada por muitos especialistas. Os argumentos para que a ex-presidenta fosse afastada de seu cargo foram as chamadas pedaladas fiscais<sup>3</sup>. Porém havia algo por trás do *impeachment*, e isso tem sido objeto de debates atuais (2018). Alguns autores comparam 2016 com outros períodos de ruptura na história recente do país: “o que a tragédia de 1964 e a farsa de 2016 têm em comum é o ódio à democracia” (Lowy, 2016, p. 66).

*O golpe de 2016 marca uma fratura irremediável no experimento democrático iniciado no Brasil em 1985 [...]. A derrubada da presidente Dilma, mediante um processo ilegal, sinalizou que tais institutos deixaram de operar e, por consequência, o sistema político em vigor no país não pode mais receber o título de*

*“democracia” – mesmo na compreensão menos exigente da palavra (Miguel, 2016, p. 31).*

A despeito dos aspectos objetivos que interromperam a consolidação da democracia no país, outros acontecimentos evidenciam, de modo subjetivo, o momento peculiar por que o país passava. Entre eles contam-se as manifestações nas ruas brasileiras e o surgimento de novos movimentos sociais, como a chamada nova direita – que saiu do armário depois de reclusa por anos, porém “sempre no cio”<sup>4</sup>. São manifestações do imaginário que forjou tudo aquilo, cristalizando e materializando o que hoje (2018) vemos, ouvimos e lemos nas ruas, na mídia convencional e nas redes sociais: o discurso de ódio, a polarização “coxinhas” (direita) versus “mortadelas” (esquerda), num país dividido entre vermelhos e verde-amarelos. Nesse contexto, o presente artigo defende que o imaginário precisa ser considerado nas manifestações que antecedem o *impeachment*, motivando o golpe à democracia. Antes mesmo de o “Gigante acordar”<sup>5</sup> o cinema, como campo do sintoma, revelava enquadramentos de um mal-estar da classe média, incomodada com as possíveis apropriações de classes e a aproximação com o outro – o brasileiro de baixa renda que finalmente encontrava possibilidades de ascensão (por exemplo, o acesso a Universidade, por meio do PROUNI - Programa Universidade Para Todos<sup>6</sup>).

<sup>3</sup> “A “pedalada fiscal” foi o nome dado à prática do *Tesouro Nacional* de atrasar de forma proposital o repasse de dinheiro para bancos (públicos e também privados) e autarquias, como o INSS”, podendo ser considerada como crime de responsabilidade fiscal. Disponível em: <<http://infograficos.estadao.com.br/economia/pedaladas-fiscais/>>. Acesso em: 31. mar, 2018.

<sup>4</sup> Alusão à famosa frase de Bertold Brecht: “o fascismo é uma cadela que está sempre no cio”.

<sup>5</sup> Expressão usada pelo povo e pela mídia para manifestações de brasileiros que saíram às ruas em busca de reivindicações. O aumento de tarifas do transporte público foi estopim para protestos no Brasil – as manifestações que se sucederam, em geral, pediram o fim da corrupção.

<sup>6</sup> “O Prouni (Programa Universidade Para Todos) é um programa criado pelo MEC que fornece bolsas de estudo parciais e integrais em instituições de ensino particulares, para estudantes de baixa renda, sem diploma de nível superior. A finalidade do projeto é ampliar o acesso à educação de nível superior para a população de baixa renda.” Disponível em: <<https://querobolsa.com.br/prouni>>. Acesso em: 15. fev, 2018.

*Menino do Cinco* (Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira; 2012), filme de curta-metragem selecionado para a presente análise, infere um sintoma da classe média pré-manifestações e *impeachment*. Lançado no mesmo ano que o filme de Kleber Mendonça Filho, *O Som ao Redor*<sup>7</sup>, os filmes nordestinos apresentam no plano do conteúdo em justaposição com o plano da expressão (Floch, 2001), inferências de uma classe média que tem medo da ocupação de territórios urbanos, sociais, econômicos e políticos por classes até então limitadas a um *quadriculamento*<sup>8</sup> de opressões. O filme *Que Horas Ela Volta?*<sup>9</sup>, de 2015, de Anna Muylaert, também não poderia deixar de ser mencionado, pois pode ser inserido como um campo do sintoma de uma sociedade com dificuldades em aceitar a minimização da desigualdade, ainda que superficial, mas suficiente para causar pânico nos detentores de bens de consumo – a chamada classe média.

Pensar no imaginário como instrumento de análise do passado para que compreendamos o presente é pensar no cinema como um “conjunto de imagens compartilhadas por um grupo social, logo filmes e séries fazem parte e simultaneamente ativam e recriam essas imagens. Trata-se de um diálogo (Pitta, 2017, p. 30). Ou seja, *Menino do Cinco* dialoga com a realidade do Brasil, ensejando, ainda que involuntariamente, uma perspectiva de luta de classes expressas principalmente na composição de suas personagens.

As estratégias do cinema nos permitem inferir uma visão de mundo, que, para Lukács (1989), é sempre ideológica, uma “apropriação e distorção individual ou grupal de uma ideologia. A película revela que as ideologias não são feitas de ideias, mas de práticas (Silva, 2012). Nesse sentido, *Menino do Cinco*, ao relatar uma história com duas personagens por vezes antagônicas, permite revelar uma desigualdade social e a consequente opção por problematizar a questão. Assinalamos que não nos propomos a encaminhar este estudo para tal direção, contudo – e sobretudo – queremos destacar aqui que nossa visada em *Menino do Cinco*, como obra fictícia, materializada pelo

cinema (poderia ser um livro, uma série) não se propõe ideológica posto que para nós, e alinhados com Maffesoli (2001, p. 77), “a ideologia guarda sempre um viés bastante racional. Não há quase lugar para o não racional no olhar ideológico. No fundo ideológico há sempre uma interpretação, uma explicação [...]”. A ideologia é da ordem da manipulação (Silva, 2012), já o imaginário (a ideia sob a qual nos propomos a discutir neste trabalho) vincula-se às tecnologias da sedução, como o cinema, por exemplo.

O presente trabalho busca enfocar nossas lentes analíticas, refletindo por meio das experiências cotidianas, como um pesquisador que mais narra o que compreende de um recorte de cotidianidade do que tenta explicá-lo empiricamente. Estamos mais para dionisíacos que apolíneos e o que redigimos aqui vai nesse sentido, já que nosso método de análise é a sociologia compreensiva de Michel Maffesoli (2010), ou seja, uma leitura e narrativa do cotidiano considerando suas vicissitudes numa dimensão “humana”. O autor não é só utilizado aqui por suas ideias de imaginário, mas também por seu método de leitura de mundo, a qual subscrevemos. Portanto, nosso olhar vai em contrário do positivismo que requer uma prova a cada passo, um empirismo por vezes exacerbado. Acreditamos que “a ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei” (Feyerabend, 1977, p. 17).

Nesse sentido, nos interessa desvelar o paralelismo que alguns *frames* do filme revelam ao inscrever na tela do cinema vestígios de cotidianidades do país. Sendo assim, o objetivo deste estudo é provocar reflexões acerca da contribuição do imaginário daquele momento político-social utilizando como metáfora o curta-metragem brasileiro *Menino do Cinco* (2012), película sobre a relação entre um menino aparentemente solitário, seu cachorro e o mundo a sua volta.

Este estudo está distribuído em cinco seções, incluindo introdução e considerações finais – aqui intitulada

<sup>7</sup> O filme enfoca sua narrativa na vida dos residentes de uma rua de classe média de Recife, uma rua habitada por membros de uma família tradicional de elite brasileira – configurando uma metáfora e metonímia dos engenhos brasileiros. Uma empresa de segurança particular é contratada e transforma a rotina do ambiente e de seus moradores.

<sup>8</sup> Michel Foucault (2014) associa o *princípio do quadriculamento* a uma dinâmica espacial/arquitetônica que distribui os indivíduos em um espaço disciplinar. Trata-se de um sistema classificatório em que a clausura e a separação dos corpos privilegiam um mecanismo de opressão e submissão.

<sup>9</sup> Após deixar a filha no interior de Pernambuco e passar 13 anos como babá do menino Fabinho em São Paulo, Val reencontra a filha, que está de mudança para São Paulo com o objetivo de prestar vestibular para arquitetura. A chegada da filha, Jéssica, provoca rupturas no convívio de Val com os patrões, que até então parecem simular uma proximidade entre a sala e a cozinha. São tensões entre as barreiras que, cuidadosamente, por um afeto encenado, são levantadas entre a “casa grande” e a “senzala”.

(in)conclusões de uma narrativa brasileira. Em *Brasil pós-impeachment 2016: um país dividido*, descrevemos um panorama do espólio da luta que se travou desde as jornadas de junho de 2013 até o afastamento da então presidenta Dilma Rousseff, em 2016 – tensionamos o fato com as narrativas sobre tais acontecimentos e os desdobramentos que iriam se desenvolver nos anos do novo governo de presidente Michel Temer. Na seção *Menino do Cinco: um curta-metragem social?*, apresentamos o filme de Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira, buscando perceber como a película pode indicar questões sociais para reflexão. E em *Cinco a 0: a polarização vence a razão*, analisamos a situação do país *pré e pós-impeachment* tecendo um paralelo com algumas cenas do filme.

## Brasil pós-impeachment 2016: um país dividido

O fruto do *impeachment* em 2016 foi a divisão da sociedade entre os que apoiaram o golpe (chamado assim pelos esquerdistas e quem mais houvesse em outras alas ideológicas, mas que não concordava com o discurso técnico das pedaladas fiscais) e os contrários a ele. Quem lutou pela deposição e foi às ruas pela queda do governo presidencial de Dilma Rousseff se sentiu vencedor (o discurso era contra a corrupção de forma geral, fato que ficou comprovadamente desmascarado, posto que no ano seguinte o governo Temer se envolveu em diversos episódios controversos e os mesmos grupos se calam), mas os que foram a favor da ex-presidenta não se fizeram de rogados e continuaram a proclamar suas posições na mídia (especialmente a alternativa) e nas redes sociais, além das ruas. Ultrapassando a simples dualidade esquerdistas e direitistas, é preciso entender a aura por trás de todo esse movimento.

*Qualquer grupo social que queira dominar economicamente outro grupo, de modo a extrair permanente e continuamente o produto de seu trabalho, precisa, antes de tudo, saber “colonizar” o seu espírito. Ninguém se deixa explorar de modo direto e violento sem reação. A possibilidade de debelar a reação com mais violência sempre se revelou muito custosa e, crescentemente com o avanço da história, de eficácia apenas de curto prazo* (Souza, 2016, p. 19).

Uma parte da sociedade (chamaremos de elite, nos termos de Souza, 2016<sup>10</sup>) parecia ter retomado o que havia perdido: a gerência da política de recursos para todos os setores da sociedade, projetos de distribuição de renda e questões de saúde, incluídos. Enfim, o imaginário daquela parcela da população era acionado pelo real que então emergiria da “memória afetiva na parede do tempo” (Silva, 2017).

O grupo que assumiu o poder, tendo o vice presidente Michel Temer à frente do domínio político, prometeu uma recuperação geral do chamado caos que o governo anterior havia permitido/causado, contudo “uma vez no poder, o político contenta-se em administrar com realismo o que pretendia revolucionar, reformar ou conservar” (Maffesoli, 2011, p. 68). Mas os casos de corrupção continuaram a causar polêmicas, e os preços em geral seguiram a mesma toada. Quem protestou contra o aumento da gasolina em 2016 (média de R\$ 3,75 naquele ano)<sup>11</sup> viu o preço explodir em fins de 2017 (valor médio de R\$ 3,85)<sup>12</sup> e início de 2018 (preço médio a R\$ 4,22)<sup>13</sup>, inclusive em janeiro de 2018 a agência de investimento rebaixou o país em sua escala de investimentos (era BB e foi para BB-)<sup>14</sup>. Interessante notar que o *slogan* do novo governo, *Ordem e Progresso*, que está também em nossa bandeira, “evoca o imaginário cientificista do século XIX que, de inspiração positivista, conferiu ao discurso oficial à direita o status de técnico e encerrou os demais no campo

<sup>10</sup> Jessé de Souza (2016, p. 59) chama de elite duas classes sociais principais: endinheirados, que é dona dos meios de produção e domina as demais classes; e a classe média, que suja as mãos no trabalho diário da dominação social, em nome dos endinheirados. Para ele as outras classes sociais no Brasil são a classe trabalhadora e a ralé, ou os excluídos.

<sup>11</sup> O aumento foi de 3,3%, abaixo da inflação. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/preco-da-gasolina-fecha-2016-a-r-3755-aumento-de-33-abaixo-da-inflacao.ghtml>>. Acesso em: 31. mar, 2018.

<sup>12</sup> O preço médio atingiu o recorde em 2017, com valores de até R\$ 4,95. Disponível em: <<http://economia.ig.com.br/2017-09-12/gasolina-preco-media.html>>. Acesso em: 31. mar, 2018.

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/preco-da-gasolina-nas-bombas-sobe-pela-14-semana-seguida-segundo-anp.ghtml>>. Acesso em: 31. mar, 2018.

<sup>14</sup> Com essa nota o Brasil perde o selo de bom pagador. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/sp-rebaixa-nota-do-brasil.ghtml>>. Acesso em: 31. mar, 2018.

da ‘ideologia’, autorizando assim ao enfrentamento dos movimentos sociais” (Cleto, 2016), que estariam, sim, atrapalhando o desenvolvimento das ações de mudança propostas.

Uma grande parcela da população foi às ruas pedir a deposição da então presidenta Dilma Rousseff. Os cartazes, as faixas, os memes nas redes sociais indicavam uma revolta com o governo, abrigando preconceitos até então não resolvidos na sociedade brasileira: a política de cotas para negros nas universidades, que vinha sendo criticada no privado, toma seu lugar público e é potencializado por hordas de grupos de direita e extrema direita na disseminação de notícias (incluindo as *fake news*) nas redes sociais digitais; propostas como a redução de benefícios sociais e inclusive a volta à ditadura começaram a tomar corpo. A caixa de pandora havia sido aberta e suas consequências desembocariam na aprovação de projetos até então impensáveis para a nação, promovendo um retrocesso nas conquistas sociais, como a PEC dos gastos, a lei da terceirização e, principalmente, a Reforma Trabalhista.

## Menino do Cinco: um curta-metragem social?

O imaginário opera, acontece, se faz presente por meio de suas tecnologias, e o cinema é uma delas (Silva, 2012). É por meio das estratégias cinematográficas e filmicas que estereótipos e arquétipos podem ser potencializados e muitas vezes questionar ou ditar modas e tendências na sociedade, assim, entendendo os processos de comunicação audiovisual como fenômenos sócio históricos, objetivos e objetos dos estudos de comunicação possibilitam à sociedade perceber-se dialogando consigo mesma (Braga, 2011) num elo tramado entre aquele que olha e é olhado para e pela tela do cinema. Silva (2012) ainda observa como o imaginário opera por meio do olhar: “cada um vê imagina o que vê e vê o que imagina” (Silva, 2012, p. 70).

O filme de 2012, dirigido pelos cineastas Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira, pode ser visto como uma crítica mordaz à sociedade excludente. *Menino do Cinco* é uma narrativa que sugere reflexões acerca da solidão e da necessidade de afeto, na realidade fronteiriça entre classes sociais que assola um país reconhecido por suas desigualdades. Essas questões citadas e identificadas no filme são apresentadas por metáforas e metonímias sociais. No detalhe da imagem é possível reconhecer a imensidão de um país que privilegia a estética da segurança, o poder e a posse – ou seja, estima os lugares social

e hierarquicamente determinados. Ligados pela perda de um cachorro, dois garotos, um branco de classe média, Ricardo, e um negro da periferia (que não possui nome, no que compreendemos mais um sutil recado do roteiro), lutam para ficar com aquele animalzinho que consideram sua mais valiosa ‘posse’. Enquanto vive em uma rotina sem amigos, brincando sempre sozinho, com um olhar melancólico, Ricardo, o “menino do cinco”, encontra o filhotinho no *playground* do prédio onde vive com o pai. Ricardo recusa-se a devolver o cão para o “menino da rua” e tem seu apartamento invadido pelo garoto que busca recuperar seu companheiro de estimação. Após diversas tentativas pacíficas em prol da recuperação do cão, o “menino da rua” ocupa um lugar que até então não lhe pertencia, adentra o ambiente privado do apartamento no quinto andar – aqui, podemos realizar uma aproximação ao já citado filme *O Som ao Redor*, em que temos uma criança de classe média que, enquanto dorme, tem um pesadelo, o pesadelo da classe média: ter o seu espaço invadido pelo outro, sempre trancados e amedrontados entre sistemas de vigilâncias que não apenas os protegem, mas os oprimem. Numa tentativa de impor o poder sobre aquilo que pressupõe possuir, o “menino do cinco” corta as grades de segurança de sua casa e lança o pequeno animal a uma altura de cinco andares. A película tem seu fim.

Na próxima seção, apresentaremos uma visão de como o conflito e a solução final imposta ao cãozinho prefigura a polarização, o conflito e a quebra de limites que se realizou no Brasil *pós-impeachment*. Como se verá, a perda de um legado imaterial e afetivo é o centro da questão, que une os dois momentos.

## Cinco a 0: polarização vence a razão

Nesta seção as cenas do filme são analisadas num paralelo com a situação política do país nos anos *pré e pós-impeachment*. Vejamos que logo no início da narrativa filmica alguns amigos que parecem moradores de rua buscam a sobrevivência em frente ao apartamento do “menino do cinco”, vigiando os carros ali da rua em troca de alguns trocados. Um dos garotos cuidadores de carros está acompanhado de seu companheiro canino, um pequeno filhote. Num breve intervalo de tempo, enquanto o “menino da rua” pede um trocado ao motorista que se desloca com seu automóvel, o cachorro, que é acomodado perto da grade do prédio do “menino do cinco”, atravessa a barreira que o limita entre o mundo de fora e o mundo de dentro. São dois mundos desiguais, o primeiro intrínseco ao inesperado, que, dando

margem ao espontâneo, torna-se também inerente aos riscos com maior intensidade; o segundo, o lado de dentro, revela maior segurança e estabilidade, e também privilegia o tédio.

Em seu retorno, o “menino da rua”, após receber uma negativa de troco do motorista, percebe que seu cão sumira e, após procurar ali por perto, percebe que ele fora “acolhido” pelo “menino do cinco”. Esse acolhimento, palavra até suave para designar o que poderia ser considerado como um roubo, simboliza no filme (por meio de nossa proposta), a apropriação pela elite do que sobra às classes populares, a saber, algo não material (o cão é símbolo de uma réstia de afeto e carinho, talvez o pouco que ainda reste em “vidas secas” como a que vivencia o “menino da rua”), mas simbólico, algo, no limite, hiper-real, da ordem do imaginário. Afinal “todo imaginário é hiper-real: uma realidade mais real do que o real. Uma realidade transfigurada pelo sentido. Hiper-real é o real que encontrou significado” (Silva, 2017, p. 44).

Nessa citada “acolhida” do cão, realizada pelo “menino do cinco”, notamos que o garoto não é apenas um antagonista, o que revelaria que do lado de dentro há o garoto mal e do lado de fora o garoto bom, mas, sim, temos um garoto enclausurado, evidente na reiteração das linhas e dos quadriculados enquadrados na tela (figura 1), as linhas dos portões, os quadriculados na parede e no chão, além de sua bermuda, tudo o coloca e confirma um *quadriculamento* disciplinador (Foucault, 2014) que separa os sujeitos de classes distintas impondo lugares determinados impostos a cada um – limitando as relações e os afetos com o outro, impossibilitando as apropriações de ambientes além da contemplação apenas como paisagens ao horizonte<sup>15</sup>, paisagens vistas pelo “menino do cinco” pelo enquadramento de sua janela, alta, aparentemente segura e distante, num olhar mediado por grades (figura 2).

Essa sugerida clausura nos é indicada logo no início do curta-metragem, quando o “menino do cinco”, aparentemente entediado, mergulha seu brinquedo num copo d’água (não gratuitamente, um homem fardado, uma espécie de membro de alguma força especial/policial, figura detentora do cárcere e das opressões) – o que nos leva a pensar naquela escolha popular: quase cheio/quase vazio. O garoto escolhe pela metade, numa metáfora de sua rotina ali, mediana de classe média (figura 3). Fazendo uma aproximação com o imaginário da época, a cena mimetiza a ausência da ordem vigente e o consequente caos que se avizinha, numa ordem social que parece

sufocar a todos, inclusive as instituições detentoras de poderes – aqui, ao usarmos a expressão ‘sufocar’, nota-se também que, sufocado pela estética da segurança, pelas fronteiras entre o público e o privado, o menino sofre de asma, situação que por vezes dificulta sua respiração.

É notável a perspectiva dos campos sociais e políticos (Bourdieu) sugerida pelo filme. Um menino é branco, morador de um apartamento de classe média no Rio de Janeiro, e o outro é negro, guardador de carros em frente a esse prédio. O que aparentemente estava equilibrado (um cá, o outro lá: um dentro e o outro fora) sofre uma desestabilização com a apropriação do cachorro do “menino da rua” pelo “menino do cinco”. O cãozinho do “garoto da rua” mimetiza a sua hiper-realidade e sua subtração num atentado aos valores simbólicos ultrapassando os lugares determinados, as fronteiras de classes. Traçamos um paralelo com a conquista de direitos que há muito se luta no país, a duras penas, e sua subsequente precarização em 2016, por meio da PEC dos gastos e reforma trabalhista, por exemplo, revelando que a elite, sim, se apropriou de bens simbólicos e caros da grande maioria para rechaçá-la e desmontá-la, como bem ilustra a cena final quando o “menino do cinco” lança o cão pela janela, numa alegoria do popular: “já que não é meu não vai ser de mais ninguém!”. Nem nos espaços dos blocos de sentimento (Deleuze; Guattari, 2010) caberia tal injunção, mas em 2016 tudo podia acontecer. Como o *fade out* que sugere a morte do cão lançado pela janela, vivemos o momento do incerto de um golpe, de um *fade out* que nos assombra antes dos créditos finais – uma clausura nos mantém aprisionados tanto do lado de dentro quanto do lado de fora dos contextos políticos –, numa justaposição entre aquilo que seria da ordem do público e da ordem do privado.

O curta-metragem cria, então, uma tensão entre os dois polos sociais apresentados, inserindo as personagens como vítimas de sistemas convencionados e lugares sociais sedimentados. O espectador, por vezes, poderá realizar a sua escolha e considerar certos questionamentos: quem deveria ficar com o cachorro? O “menino do cinco”, pois teria mais condições de cuidar do cãozinho e, além disso, o animal lhe faria companhia? O garoto pobre, que, embora sem condições financeiras, precisa do animal, posto que cultiva grande afeto pelo bichinho de estimação (além do princípio básico de que o cão pertencia a ele)? Trazendo para a cotidianidade *pré e pós-impeachment*:

<sup>15</sup> A ‘paisagem’ apresenta-se, nos estudos de Milton Santos (1988, p. 72), de forma a designar uma imagem fixa, na qual compreendemos que o sujeito, imóvel, não se apropria do lugar ao qual estaria inserido apenas fisicamente, carente de apropriação afetiva.



**Figura 1.** *Frame* do filme *Menino do Cinco*: quadriculado numa estética da segurança ao tomar posse do cão do “menino da rua”, o “menino do cinco” provoca uma ruptura de algo sedimentado – os lugares determinados entre o público e privado são colocados em confronto.

**Figure 1.** *Frame* of the film *Boy of the Five*: squared in an aesthetic of the security when taking possession of the dog of the ‘boy of the street’, the ‘boy of the five’ causes a rupture of something sedimentado - the determined places between the public and private are put in confrontation.

Fonte: *Menino do Cinco* (2010).



**Figura 2.** *Frame* do filme *Menino do Cinco*: nota-se que a visão do mundo externo do “menino do cinco” é mediada por grades, impossibilitando uma apropriação do espaço público.

**Figure 2.** *Frame* of the film *Boy of the Five*: it is noticed that the vision of the external world of the boy of the five is mediated by grades precluding an appropriation of the public space.

Fonte: *Menino do Cinco* (2010).



**Figura 3.** *Frame* do filme *Menino do Cinco*: ao mergulhar o brinquedo no copo com água, o “menino do cinco” infere a clausura sufocante inerente as classes dominantes que na tentativa de minimizar a insegurança acabam por oprimir-se.

**Figure 3.** *Frame* of the film *Boy of the Five*: when diving the toy in the glass with water, the “boy of the five” infers the suffocating enclosure inherent to the dominant classes that in the attempt to minimize the insecurity end up being oppressed.

Fonte: *Menino do Cinco* (2010).

era preferível uma presidenta no poder, ainda que com diversos erros, mas apostando no social, ou seria desejável a troca por alguém ou algum grupo que, embora não se importe tanto com as questões das minorias, poderia, talvez, inserir o país de volta nos trilhos?

O mundo do “menino do cinco” sofreu um abalo com a simples presença de um cãozinho e o mundo do garoto guardador de carros também foi fraturado pela ausência repentina desse cão. Sendo assim, como recuperar algo que foi apossado por outrem? E como reivindicar algo que não se tem a posse? Perguntas referentes ao filme, mas que cabem à situação do país pós-golpe: como recuperar direitos perdidos? E como reivindicar algo que não temos a certeza que um dia nos tenha pertencido?

## (In)conclusões de uma narrativa brasileira

*Menino do Cinco* (Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira; 2012) pode ser visto como uma nar-

rativa cinematográfica que re-apresenta<sup>16</sup> um sintoma da sociedade brasileira, um imaginário que se fortalece ao passo em que se reconhece um esforço da classe média em reforçar estereótipos ou criar novas formas de expressões e manifestações advindas de uma insatisfação inerente as apropriações do espaço urbano, que ao passo que se torna acessível a uma classe desprivilegiada, que então pode habitar lugares de consumo – até então limitados a classes abastadas, como os *shoppings* e aeroportos – provoca rupturas e inquietações. No momento em que a classe média se considera ameaçada pelas fraturas de um conservadorismo até então sedimentado (uma ordem que o coloca no lugar de dominador), a estética da segurança é reforçada numa tentativa de maximizar as diferenças, as fronteiras entre a ordem do público e a ordem do privado, enfatizando as desigualdades de classes e em consequência os lugares determinados dos dominadores e dos dominados.

O presente estudo traçou um breve histórico dos últimos acontecimentos políticos no país, relatando com ênfase o *impeachment* de 2016, que acarretou na depo-

<sup>16</sup> Refletimos o conceito de *re-apresentação* a partir do pensamento de Sandra Fischer (2006, p. 108) – para a pesquisadora “representar o mundo – apresentá-lo novamente – já é criticá-lo e sugerir, ainda que de maneira implícita, novas proposições, estruturações e leituras de realidade construída, o que viabiliza uma possibilidade de escape para fora do discurso que representa e de seu próprio discurso”.

sição da presidenta Dilma Rousseff. O chamado “golpe” não se dá de maneira instantânea, mas mediado por um processo de manifestações – em geral da classe média – que antes mesmo de saírem às ruas e baterem suas panelas (talvez de maneira mais silenciosa, em debates pertencentes aos ambientes privados), já demonstravam a insatisfação, com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil entre os anos de 2003 a 2010, e em seguida com o governo da presidenta Dilma Rousseff, que teve seu primeiro mandato iniciado em 2011.

*Menino do Cinco* insere-se no que consideramos uma tendência estética no cinema nacional, juntamente com *Eletrodoméstica*<sup>17</sup> (Kleber Mendonça Filho, 2005); *Um lugar ao sol*<sup>18</sup> (Gabriel Mascaro; 2009); e os já citados no presente estudo: *O som ao redor* (Kleber Mendonça Filho<sup>19</sup>; 2012) e *Que horas ela volta?* (Anna Muylaert; 2015), apresentam a estética da segurança e o *princípio do quadriculamento* (que disciplina e impõe os lugares determinados) como uma crítica às fronteiras sociais que a classe média junto da elite insiste em investir. O imaginário da crise e da onipresença da violência cria uma campanha contra os governos até então considerados de esquerda, o que estimula a criação de dois lados: a direita e a esquerda, os ricos e os pobres, o público e o privado, a democracia e o golpe. Assim, o imaginário da política que pairava no país nestes tempos expunha a “marca digital simbólica do indivíduo ou do grupo na matéria do vivido” (Silva, 2012, p. 12), dando vazão à correnteza dos sentidos<sup>20</sup> (Durand, 2014) principalmente na fase da divisão

das águas, já que segundo Durand (1996, p. 89) nesta fase “os escoamentos se reúnem em partidos, em escolas, é o tempo das querelas”. Nesse sentido o imaginário irriga a política (Maffesoli, 2001) retirando o indivíduo da solidão para inseri-lo numa atmosfera de partilha.

A análise do filme *Menino do Cinco* revela a presença de dois lados, que em um primeiro momento pode manifestar um antagonismo configurado pelo lado de dentro e pelo lado de fora, do “menino do cinco” e do “menino da rua”. À medida que vamos compreendendo a narrativa, por meio do plano da expressão e do plano do conteúdo, em justaposição, revela-se uma opressão sofrida por ambos os lados, ambos mediados por grades, ou seja, um menino preso do lado de dentro e outro preso do lado de fora, ambos reféns de seus protagonismos sociais – o “menino da rua”, mesmo após ter o cãozinho retirado de si, ocupa o lugar da possível ameaça; o “menino do cinco”, mesmo detendo um possível afeto pelo cão, exerce seu histórico lugar de dominação. Se as fronteiras são quebradas, a punição será cumprida – a execução do cão, a democracia ferida e as respectivas consequências de uma inerente violência velada pelo cumprimento da manutenção da “*Ordem e do Progresso*”.

## Referências

BRAGA, J. L. 2011. Constituição do campo da comunicação. *Verso e Reverso*, XXV (58): 62-77, jan.-abr. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/>

<sup>17</sup> *Eletrodoméstica* narra uma vida pertencente a classe brasileira em ascensão – ao passo que mais podem consumir produtos eletrônicos de uso doméstico, mais os moradores se limitam ao ambiente privado, entre grades (que privilegiam a vigilância) buscam garantir a segurança dos objetos e limitam o contato com o espaço urbano e suas relações afetivas com o outro – com a própria cidade.

<sup>18</sup> O documentário aborda o universo dos moradores de coberturas de prédios das cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Por meio de um livro que mapeia a elite e pessoas influentes da sociedade brasileira, o diretor obtém acesso aos 125 moradores das coberturas, porém apenas 9 deles cedem as entrevistas. Os moradores das coberturas discutem uma vida onde o privilégio cria uma visão de mundo.

<sup>19</sup> Em 2016, durante o *Festival de Cannes*, para a exibição de seu filme *Aquarius* que concorria ao *Palma de Ouro*, Kleber Mendonça Filho com a equipe do filme, realizaram manifesto contra o *impeachment*, o que ocasionou ao que podemos questionar como perseguições políticas contra o seu filme: o longa recebeu uma censura polêmica do Ministério da Justiça, proibido para menores de 18 anos, causando o desacordo da equipe do filme; na época a comissão do MinC, criada para escolher o filme brasileiro para concorrer a uma vaga no *Oscar*, foi integrada por Marcos Petrucci, que atacou a equipe de *Aquarius*, afirmando publicamente, pelas redes sociais, que o protesto em *Cannes* teria sido uma “vergonha”. Em defesa ao cinema brasileiro e solidariedade ao filme *Aquarius* e equipe, Anna Muylaert desistiu de concorrer à vaga com seu filme, *Mãe Só Há Uma* (2016), assim como Gabriel Mascaro com o filme *Boi Neon* (2016). Assim, os favoritos para disputar uma vaga no *Oscar* deixaram a competição. A professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ex-secretária de Cidadania e Diversidade Cultural do MinC (exonerada após afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República), Ivana Bentes, em seu perfil no *Facebook*, declarou apoio aos integrantes do filme *Aquarius*. “E o Oscar vai para os cineastas que estão insurgindo contra a perseguição política do governo interino. O tiro da secretaria do Audiovisual e do Ministério da (In) Justiça está saindo pela culatra.”

<sup>20</sup> Durand (1996) compreende o imaginário como uma corrente de sentidos, o que denomina como Bacia Semântica, composta por seis fases: os escoamentos, a divisão das águas, o nome do rio, a organização dos rios, e o esgotamento dos deltas.

- article/view/924. Acesso em: 31/03/2018.
- CLETO, M. 2016. O triunfo da antipolítica. In: I. JINKINGS; K. DORIA; M. CLETO. (org.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo, p. 43-48.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. 2010. *O que é a filosofia?* Tradução de: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo, Editora 34. 288 p.
- DURAND, G. 2014. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Tradução de: Renée Eve Levié. Rio de Janeiro, Difel, 124 p.
- \_\_\_\_\_. 1996. *Campos do imaginário*. Lisboa, Piaget.
- FEYERABEND, P. 1977. *Contra o método*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora S. A, 1977. 488 p.
- FISCHER, S. 2006. *Clausura e compartilhamento: a família no cinema de Carlos Saura e de Pedro Almodóvar*. São Paulo, Annablume, 216 p.
- FLOCH, J-M. 2001. "Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral". In: *Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemiótica*. 1. São Paulo, CPS/PUC-SP, p.7-29. Disponível em: [http://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/floch\\_j\\_m\\_alguns\\_conceitos\\_fundamentais\\_em\\_semiotica\\_geral.pdf](http://www.pucsp.br/cps/downloads/biblioteca/2016/floch_j_m_alguns_conceitos_fundamentais_em_semiotica_geral.pdf) Acesso em: 31/03/2018.
- FOUCAULT, M. 2014. *Vigiar e punir: nascimento de uma prisão*. 42ª ed. Petrópolis, Vozes. 302 p.
- G1. 2018. Preço da gasolina fecha 2016 a R\$ 3,755, aumento de 3,3%, abaixo da inflação. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/preco-da-gasolina-fecha-2016-a-r-3755-aumento-de-33-abaixo-da-inflacao.ghtml>. Acesso em: 31/03/2018.
- \_\_\_\_\_. 2018. Preço da gasolina nas bombas sobe pela 14ª semana seguida, segundo ANP. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/preco-da-gasolina-nas-bombas-sobe-pela-14-semana-seguida-segundo-anp.ghtml>. Acesso em: 31/03/2018.
- \_\_\_\_\_. 2018. S&P rebaixa nota de crédito do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/sp-rebaixa-nota-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 31/03/2018.
- LOWY, M. 2016. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: I. JINKINGS; K. DORIA; M. CLETO (org.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo, p. 61-67.
- LUKÁCS, G. 1989. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Elfos, 378 p.
- MAFFESOLI, M. 2010. *O conhecimento comum: introdução à sociologia compreensiva*. Traduzido por: Aluizio Ramos Trinta. Porto Alegre, Sulina, 295 p.
- \_\_\_\_\_. 2001. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS, mídia cultura e tecnologia*. Porto Alegre, EDI-PUCRS, 8(15): 74-86.
- MIGUEL, L. F. 2016. A democracia na encruzilhada. In: I. JINKINGS; K. DORIA; M. CLETO. (org.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo, p. 31-37.
- ORTELLADO, P.; SOLANO, E.; MORETTO, M. 2016. Uma sociedade polarizada? In: I. JINKINGS; K. DORIA; M. CLETO. (org.). *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo, p. 159-164.
- PITTA, D. 2017. Imaginário serial: compartilhamento de arquétipos. *Rumores*, 11(22): 27-40.
- PORTAL IG. 2018. Preço médio da gasolina vendida ao consumidor atinge recorde em 2017. *IG, 2017*. Disponível em: <http://economia.ig.com.br/2017-09-12/gasolina-preco-media.html>. Acesso em: 31/03/2018.
- QUERO BOLSA. 2018. *Prouni 2018 - Guia completo*. Disponível em: <https://querobolsa.com.br/prouni>. Acesso em: 15/02/2018.
- SANTOS, M. 1988. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo, Hucitech, 136 p.
- SILVA, J. M. 2012. *As tecnologias do imaginário*. 2ª ed. Porto Alegre, Sulina, 111 p.
- \_\_\_\_\_. 2017. *Diferença e descobrimento. O que é o imaginário? A hipótese do excedente de significação*. 1ª ed. Porto Alegre, Sulina, 175 p.
- SOUZA, J. 2016. *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro, LeYa, 144 p.
- VILLAVERDE, J.; FERNANDES, A. 2018. As "Pedaladas Fiscais" no governo Dilma. Disponível em: <http://infograficos.estadao.com.br/economia/pedaladas-fiscais/>. Acesso em: 15/02/2018.

## Filmografia

- AQUARIUS. Direção: Kleber Mendonça Filho. Brasil. 2016. 145 min. (DVD)
- ELETRODOMÉSTICA. Direção: Kleber Mendonça Filho. Brasil. 2005. 22 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnGURbbtTlc>. Acesso em: 20 fev. 2018.
- MENINO DO CINCO. Direção: Marcelo Matos de Oliveira e Wallace Nogueira. Brasil. 2012. 20 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WzqjUuEiRYU&t=1019s>. Acesso em: 23 fev. 2018.

O SOM AO REDOR. Direção: Kleber Mendonça Filho. Brasil.  
2012. 130 min. (DVD)

QUE HORAS ELA VOLTA? Direção: Anna Muylaert. Brasil.  
2015. 114 min. (DVD)

UM LUGAR AO SOL. Direção: Gabriel Mascaro. Brasil. 2009.  
70 min. (DVD)